

A ALTERNÂNCIA ENTRE *VOCÊ* E *CÊ* NO SERTÃO DA RESSACA: UM ESTUDO SOB AS LENTES DO SOCIOFUNCIONALISMO

THE ALTERNATION BETWEEN *VOCÊ* AND *CÊ* IN SERTÃO DA RESSACA: A STUDY UNDER SOCIOFUNCTIONALISM LENSES

Warley José Campos Rocha¹

Valéria Viana Sousa²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

RESUMO

Neste artigo, apresentamos o estudo desenvolvido em uma comunidade do Sertão da Ressaca, Vitória da Conquista - BA, com o objetivo de descrever a variação/estratificação entre os pronomes *você* e *cê*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas. Evidenciamos algumas peculiaridades presentes na sócio-história dos itens em foco e, posteriormente, as bases teóricas que ampararam a pesquisa, a partir do Sociofuncionalismo. Em termos metodológicos, a amostra da pesquisa foi composta por 24 entrevistas do *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista e do *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista e estratificada segundo sexo, idade e escolaridade. Analisamos um total de 788 dados, sendo 56% das ocorrências do pronome *você* e 44% da forma variante *cê*, além das informações decorrentes da aplicação de um teste de avaliação para informantes mais escolarizados provenientes da comunidade de fala em estudo. Entre outras ponderações, obtivemos indícios de que, em Vitória da Conquista – BA, a variação entre o pronome *você* e *cê* encontra-se em um tipo de mudança em curso, porém em direções opostas, uma vez que, se considerarmos a fala dos informantes mais jovens do Português Popular, a variante *cê* está em franco aumento de uso, ao passo que os informantes do Português Culto das primeiras faixas etárias demonstram um comportamento linguístico mais conservador, diante da promoção do pronome *você*.

PALAVRAS-CHAVE: Pronome *você*. Variante *cê*. Sociofuncionalismo. Variação/Estratificação.

ABSTRACT

In this article, we present the socio-functional study conducted in a community of Sertão da Ressaca, Vitória da Conquista - BA, starting from the main objective of describing the variation / layering between the pronouns *você* and *cê*, in pre-verbal position, as subject of finite sentences. First, we highlight some peculiarities present in the socio-history of the items in focus and, later, the theoretical bases that supported the research, that is, the conception of Sociofunctionalism as a theory that emerges at the interface of two other theories, Variationist Sociolinguistics and North American Functionalism focused on grammaticalization. In methodological terms, the research sample consisted of 24 (twenty four) interviews, extracted from two oral corpora, the *Corpus* of the Popular Portuguese of Vitória da Conquista (Corpus PPVC) and the *Corpus* of the Cult Portuguese of Vitória da Conquista (Corpus CPVC) and stratified according to gender, age and education. We analyzed a total of 788 data, 56% of occurrences of pronoun *você* and 44% of variant form *cê*, in addition to the information resulting from the application of an evaluation test for more educated

¹ Mestre em Linguística (UESB). Professor do Magistério Público Estadual do Ensino Médio do Secretaria de Educação da Bahia. Pesquisador do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (warleycampos@live.com)

² Doutora em Letras - área de concentração: Linguística e Língua Portuguesa (UFPB). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e do Grupo de Pesquisa em Sociofuncionalismo – CNPq. (valerianiasousa@gmail.com)

informants from the studied community. Among other considerations, we obtained evidence that, in Vitória da Conquista - BA, the variation between the pronoun *você* and *cé* is in a kind of change in progress, but in opposite directions, since, if we consider the speech of the younger informants from Popular Portuguese, the variant *cé* is in increasing use, while informants of Cult Portuguese constituents of the early age groups demonstrate a more conservative linguistic behavior, in the promotion of the pronoun *você*.

KEYWORDS: Pronoun *Você* (you). Variant *cé* (you). Sociofunctionalism. Variation/Layering.

INTRODUÇÃO

Observamos, com o tempo, que as formas pronominais são muito atrativas aos olhares curiosos dos linguistas. Rocha (2017) menciona um quadro com mais de oitenta trabalhos no qual são discutidas as formas pronominais, sobretudo, as de segunda pessoa. Ressaltamos que, apesar do elevado número, o pesquisador não conseguiu catalogar todas as pesquisas sobre a temática, o que significa que há uma quantidade muito maior de trabalhos sobre pronome.

Neste artigo, objetivamos mostrar os principais resultados de uma pesquisa desenvolvida em uma comunidade do Sertão da Ressaca. Em função do recorte que propomos, sintetizaremos os resultados obtidos, e, em caso de maiores esclarecimentos ou detalhamento nas análises e discussões dos dados, sugerimos a retomada do texto de Rocha (2017) que subsidiou a escrita deste.

O objetivo principal, nesse sentido, foi o de descrever a variação/estratificação entre os pronomes *você* e *cé*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas, tomando como *locus* de pesquisa a comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA, situado no Sertão da Ressaca. O desenvolvimento do estudo foi amparado pela orientação teórico-metodológica sociofuncionalista, ou seja, aliando-se pressupostos tanto da Sociolinguística Variacionista quanto do Funcionalismo Norte-Americano voltado à gramaticalização. Considerando, ainda, que, além das conclusões baseadas nos resultados quantitativos, aplicamos um teste de avaliação para informantes mais escolarizados da comunidade de fala estudada, com vistas ao refinamento das análises e ao descarte de indícios de qualquer estigma em relação à variante *cé* no vernáculo conquiense.

Organizamos o presente artigo nas seguintes seções: a seguir, encontra-se o *Referencial Teórico*, em que delineamos sinteticamente os percursos sócio-históricos e estruturais dos pronomes *você* e *cé* na subseção *Uma fotografia panorâmica: do vossa mercê ao cé*, bem como apresentamos as bases teóricas da pesquisa na subseção *Sociofuncionalismo: uma abordagem feita na conciliação*; posteriormente, apresentamos os materiais e métodos do estudo, na seção *Metodologia*; na sequência, passamos à síntese dos resultados obtidos e suas respectivas considerações; e, finalizando o texto com as últimas ponderações, na seção *Considerações finais*, a qual é acompanhada da seção *Referências*.

2 Referencial teórico

Nesta seção, apresentamos um breve delineamento sócio-histórico do objeto de estudo do trabalho por meio da subseção a seguir e, posteriormente, em *Sociofuncionalismo: uma abordagem feita na conciliação*, destacamos a orientação teórico-metodológica que fundamenta a pesquisa.

2.1 Uma fotografia panorâmica: do vossa mercê ao cé

Conforme Mattos e Silva (2006, p.23), “[...] Na história de qualquer língua, os fatores extralinguísticos, tanto culturais como sociais, são condições que podem favorecer os processos de mudanças nas línguas [...]”. Parece-nos completamente aceitável o ponto de vista da pesquisadora em destaque, especialmente, por notarmos, na sócio-história do objeto de estudo da presente

pesquisa, elementos de natureza linguística que foram definidos por questões sociais, isto é, de ordem extralinguística. Nesse sentido, uma recomendação de Faraco (1996, p.52) é a de se “[...] abrir espaço para a exploração das intersecções entre o externo e o interno, aceitando a ideia de que a heterogeneidade social e as mudanças nas relações sociais podem determinar alterações na língua [...]”.

De modo mais específico, a forma de tratamento *Vossa Mercê* aparece na língua quando outras duas formas de tratamento direto, *tu* e *vós*, já se encontravam à disposição dos falantes para se endereçar a pessoas situadas em posições sociais discrepantes ou, até mesmo, semelhantes às delas. Cintra (1986) evidencia, por seu turno, dois planos, o da intimidade e o da igualdade ou cortesia, explicando que, para o tratamento íntimo, lançava-se mão de *tu* ou *vós* (singular/plural), enquanto que, para o tratamento delineado pelo distanciamento ou pela cortesia, o uso de *vós* era prioritário. Faraco (1996, p.54) trata do assunto como “[...] o sistema latino tardio de tratamento do interlocutor [...]”.

Na Língua Portuguesa, por volta do século XV, encontramos o convívio de locuções nominais, as quais, juntamente com outras, compunham o quadro de formas de tratamento. A seguir, por meio de um turno enunciativo, demonstramos a convivência de três destas formas, a saber: *Vossa Mercê*, *Vossa Alteza* e *Vossa Senhoria*.

[...] Como melhor sabe *Vossa Alteza* que hua das propriedades do magnânimo he querer ante dar que receber (...). e, como quer que em vossos factos se podessem achar cousas assaz dignas de grande honra, de que bem poderees mandar fazer vellume, *Vossa Senhoria*, husando como verdadeiro magnânimo, a quis antes dar que receber. E tanto he vossa magnanimidade mais grande quanto a cousa dada he mais nobre e mais excellente Pollo qual, stando *Vossa Mercee* o anno passado em esta idade, me dissestes quanto desejavees veer postos em scripto os feitos do Senhor Iffante dom Henrique vosso tyo. (CINTRA, 1986, p. 80 *apud* SOUSA, 2008, p. 29) (grifos nossos)

Segundo Sousa (2008), o que observamos no turno enunciativo (1), registrado em 1453, é a coocorrência de três formas de tratamento referindo-se a uma pessoa apenas, no caso, D. Afonso V. É exatamente nesse cenário que se desencadeia um processo de especialização da forma de tratamento *Vossa Mercê* rumo ao *status* de pronome (valor individual → valor gramatical). Segundo Breál ([1897]1992, p. 29), “[...] é a parte mais culta da nação que retarda a evolução da língua. Quando os aristocratas se desinteressam pela língua nacional, essa evolução se acelera.” Deste modo, levando em consideração tal premissa, percebemos que o processo de especialização de *Vossa Mercê* não se deu de maneira isolada, mas por um encaixamento tanto linguístico quanto social (cf. LOPES (2004), PERES (2006), SOUSA (2008)).

Para demonstrar tais metamorfoses linguísticas sob pressões sociais, retomaremos um argumento de Nascentes (1956), em que o estudioso afirma que:

Entre as qualidades atribuídas aos reinantes, figurava naturalmente a de recompensar os que lhes prestavam bons serviços e a essa recompensa ou paga dava-se e dá-se ainda o nome de **mercede** ou **mercê**. Assim, como é sabido, eram tratados os reis entre nós ainda no século XIV, como consta dos documentos do tempo. Semelhante tratamento estendeu-se depois a outras pessoas, a princípio talvez aos poderosos, os que, depois dos monarcas, mais no caso estavam de recompensar, e, em seguida, por tal forma se vulgarizou que, por andar na boca de toda a gente, se transformou de **vossa mercê** em **vossemecê**, **vomecê** e até **você**, em que apenas as sílabas acentuadas das duas palavras se salvaram. (J. J. Nunes, **Digressões lexicológicas**, 72). (*apud* NASCENTES, 1956, p. 114-115) (grifos do autor)

A vulgarização da forma de tratamento *vossa mercê* fez com que os reinantes impusessem outras maneiras de serem tratados pelos seus subservientes. Após o desinteresse aristocrático na referida forma, o seu caminho rumo ao *status* pronominal, desbancando, portanto, o pronome *vós*,

estabeleceu-se paulatinamente, até que se integrasse ao conjunto de pronomes da língua. No que diz respeito ao surgimento, Rocha (2017, p. 31) sinaliza que “[...] não há um consenso entre os estudiosos quanto à data do advento da forma substantiva *Vossa Mercê*, todavia podemos considerar que o início de seu uso, provavelmente, deu-se por volta do século XIV [...]”.

Nascentes (1956, p. 114), por seu turno, enrobustece a discussão ao afirmar que *vossa mercê* “[...]degradou-se, fonética e semanticamente, a tal ponto que mutilou extraordinariamente a sua forma e, de tratamento real, pronominalizando-se, chegou a tratamento empregado com inferiores”. Ainda segundo o autor, quanto a essas questões estruturais, “[...] o uso constante trouxe à expressão **vossa mercê** duas alterações primordiais, mais tarde seguidas de outras: a ênclise fez desaparecer o **a** do pronome e o **r** foi absolvido pelo som seguinte (cfr. **persona-pessoa**) [...]” (NASCENTES, 1956, p.117) (grifos do autor).

A erosão estrutural acompanhou o item linguístico em destaque até sua forma sincopada *ê*. Sobre essa variante do atual pronome *você*, segundo Rocha (2017, p. 45), “[...] cabe ampliarmos essa discussão, recorrendo a Vitral (1996, p. 122), o qual afirma que “[...] no estado de Goiás, ocorre o seguinte fenômeno: (i) *ê* ([e]) *besta* (sô!). ‘*você* é *besta*’ Em (i) o verbo *ser*, flexionado, é realizado pela vogal fechada [e] [...]” (grifos do autor).

Assim, feitas as considerações sócio-históricas, partiremos para a próxima subseção, em que apresentamos as principais características da teoria que embasa o presente estudo.

2.2 Sociofuncionalismo: uma abordagem feita na conciliação

Diante de uma perspectiva conciliatória, destacamos uma orientação teórica-metodológica que busca estudar a língua primordialmente no seu uso real, a saber, o Sociofuncionalismo, teoria esta que amparou a pesquisa apresentada no presente artigo. A referida abordagem consiste na conciliação entre os pressupostos teóricos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano voltado ao estudo da gramaticalização, cuja interseção é possível em alguma medida³. Rocha, Santos e Sousa (2016, p. 145) argumentam que “[...] a proposta do Sociofuncionalismo não é, na verdade, a junção completa de duas teorias [...]” e lembram que “[...] a esse respeito, Tavares (2003;2013) propõe uma ‘conversa na diferença’ [...]” (ROCHA, SANTOS E SOUSA, 2016, p.145).

No que diz respeito ao lugar de interseção entre as duas teoria supracitadas, onde surge o Sociofuncionalismo, Tavares (2003;2013) evidencia quais pressupostos são encontrados enquanto pontos de congruência. Dentre eles, é possível dar um destaque para os seguintes: a preferência pelo estudo da língua em uso, entendendo-a enquanto heterogênea e suscetível à variação e mudança; a atenção ao fenômeno da mudança linguística, a qual acontece de forma contínua e gradual; a investigação científica por meio de dados sincrônicos e diacrônicos, buscando o requinte da análise; a relevância dada à frequência das ocorrências; a análise dos fenômenos linguísticos com base em elementos extralinguísticos; a gramaticalização, compreendida como o processo de mudança linguística em que itens linguísticos movem-se para um estado (mais) gramatical etc.

Tavares e Görski (2015) demonstram as vantagens de uma pesquisa amparada pelos pressupostos do Sociofuncionalismo. Vejamos a seguir:

O que se ganha com a incorporação de premissas funcionalistas na análise variacionista? Alguns ganhos podem ser apontados: (i) controle mais refinado de grupos de fatores linguísticos, com a incorporação de restrições do âmbito discursivo/pragmático (planos discursivos, status informacional dos referentes, graus de integração etc.) com tratamento

³ “[...] Segundo Neves (1999), alguns membros do Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL definiram, pioneiramente, os seus trabalhos como sociofuncionalistas. Isso se justifica pelo fato de tais trabalhos se apoiarem em dois lastros teóricos, a saber: a Sociolinguística Variacionista (cf. WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 2008 [1972]; entre outros) e o Funcionalismo (cf. HOPPER, 1987; HEINE; CLAUDI; HUNNEMEYER, 1991; HOPPER; TRAUGOTT, 1993; GIVÓN, 1995; entre outros).” (ROCHA, SANTOS E SOUSA, 2016, p.145).

analítico escalar; (ii) possibilidade de tratar como variáveis fenômenos tipicamente funcionais [...]; (iii) consideração mais detalhada do aspecto social da variação, refinando fatores a fim de incorporar aspectos interacionais concernentes à negociação entre falante e ouvinte na situação comunicativa. (TAVARES; GÓRSKI, 2015, p. 264)

Apesar de observarmos claramente os ganhos de uma pesquisa em que se conciliam pressupostos de duas teorias linguísticas considerando um campo congruente entre elas, devemos também destacar que, em alguns contextos de investigação, é necessária a adoção de princípios de uma das duas teorias em detrimento de outras da teoria em diálogo. Quanto a essa questão, Rocha, Santos e Sousa (2016, p. 146) reforçam que “[...] podemos dar margem à possibilidade de entender o Sociofuncionalismo no plural, isto é, um Sociofuncionalismo mais variacionista ou um Sociofuncionalismo mais funcionalista (cf. TAVARES, 2003).”

No presente trabalho, portanto, tomando como base essa dada pluralidade sociofuncional, adotamos uma perspectiva do Sociofuncionalismo mais alinhada ao Funcionalismo Norte-Americano, visto que entendemos a gramática de maneira emergente, isto é, em uma construção constante. Apesar disso, salientamos, conforme Rocha (2017, p. 92), que “[...] embora a predicação seja inerente a cada uma das perspectivas teóricas, a noção de regra variável dialoga com o conceito de estruturas maleáveis, posto que ambas percebem a variabilidade ordenada da língua”.

Diante das limitações de extensão de um artigo, seria impossível demonstrar na presente seção todos os princípios teóricos que ampararam esta pesquisa, entretanto, destacamos alguns princípios que foram fundamentais na análise, tais como: o princípio de marcação previsto por Givón (2001); o princípio de Hopper (1991); os parâmetros de Heine (2003), a hipótese de cliticização do pronome *cé* aventada por Vitral (1996) etc⁴.

Assim, concluímos o referencial teórico que lança luz na análise e discussão dos dados obtidos nesta pesquisa. A seguir, esclarecemos quais foram os materiais e métodos adotados no estudo.

3 Metodologia

O estudo em foco trata-se de uma pesquisa descritiva, quantitativa e qualitativa. Temos como objetivo principal, conforme mencionamos, descrever a variação/estratificação entre as formas pronominais *você* e *cé*, em posição pré-verbal, na função de sujeito de orações finitas, presente na comunidade de fala de Vitória da Conquista – BA, que se situa praticamente no meio da região conhecida como Sertão da Ressaca, a qual se encontra na Mesorregião Centro-Sul do Estado da Bahia.

A natureza quantitativa da pesquisa delinea-se a partir do momento em que determinamos variáveis tanto linguísticas quanto extralinguísticas para análise. Tais variáveis foram tratadas estatisticamente, com o auxílio do *software GoldVarb X*, e os resultados provenientes delas corroboraram para a análise do fenômeno investigado. Assim, selecionamos três variáveis independentes linguísticas, a saber: (i) natureza semântico-funcional; (ii) superestrutura textual; e (iii) paralelismo formal. Além destas, definimos outras três variáveis independentes extralinguísticas, sendo elas: (i) sexo; (ii) faixa etária; e (iii) grau de escolaridade. A seguir, no Quadro 01, demonstramos maiores especificações dos grupos de fatores controlados.

Quadro 01- Síntese das variáveis controladas

VARIÁVEL DEPENDENTE	VOCE CE	
	REFERÊNCIA DEFINIDA	
NATUREZA		

⁴ Apesar de não explanarmos com mais acuidade os princípios mencionados, é possível verificá-los de forma bastante clara ao longo da dissertação de mestrado de Rocha (2017), a qual é, em alguma medida, sintetizada neste artigo.

VARIÁVEIS INDEPENDENTES LINGUÍSTICAS	SEMÂNTICO-FUNCIONAL	<i>REFERÊNCIA INDEFINIDA</i>
	SUPERESTRUTURA TEXTUAL	<i>PREDOMINÂNCIA NARRATIVA</i>
		<i>PREDOMINÂNCIA DESCRITIVA</i>
		<i>PREDOMINÂNCIA ARGUMENTATIVA</i>
	PARALELISMO FORMAL	<i>PRIMEIRA OCORRÊNCIA DA SÉRIE</i>
		<i>OCORRÊNCIA ISOLADA</i>
		<i>PRECEDIDO DE VOCÊ</i>
<i>PRECEDIDO DE CÊ</i>		
VARIÁVEIS INDEPENDENTES EXTRALINGUÍSTICAS	SEXO	<i>MASCULINO</i>
		<i>FEMININO</i>
	FAIXA ETÁRIA	<i>FAIXA I</i>
		<i>FAIXA II</i>
		<i>FAIXA III</i>
	ESCOLARIDADE	<i>INFORMANTES MAIS ESCOLARIZADOS</i>
		<i>INFORMANTES MENOS ESCOLARIZADOS</i>

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

A amostra estudada na pesquisa foi constituída por vinte e quatro entrevistas, as quais foram obtidas de dois *corpora* orais, o *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (*Corpus* PPVC) e o *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (*Corpus* PCVC)⁵. As entrevistas foram designadas segundo três faixas etárias, a saber: (a) faixa I – de 15 a 35 anos; (b) faixa II – de 36 anos a 49 anos; (c) faixa III – de 50 anos em diante, além de serem consideradas segundo as seguintes especificações: doze entrevistas de informantes do sexo masculino e outras doze de informantes do sexo feminino.

Para concluirmos a seção metodológica, justificamos o caráter qualitativo da pesquisa por meio de dois elementos: primeiro, os dados estatísticos obtidos das variáveis investigadas são inteiramente interpretáveis pelo linguista, extrapolando as fronteiras objetivas da matemática e sinalizando para estados de língua por exemplo, bem como o indício de tendências linguísticas, o que se define para além dos limites numéricos; segundo, porque, ao longo da análise estatística da presente pesquisa, observamos a necessidade de aplicação de um teste de avaliação para informantes mais escolarizados oriundos da comunidade de fala em estudo, exatamente para comprovar que os dados quantitativos não foram suficientes para explicar um fenômeno, *a priori*, estatisticamente evidenciado.

Ainda sobre o teste de avaliação, como procedimento, encaminhamos de modo digital para os informantes que se dispuseram a ampliar o nosso escopo de análise um questionário com cinco perguntas, com vistas a analisar a avaliação do informante no que diz respeito ao uso dos itens focalizados na pesquisa, sobretudo para investigar se a maneira como consideram a forma sincopada *ê* exprime um juízo de valor positivo ou negativo em detrimento das formas pronominais que se encontram no mesmo campo semântico e/ou de uso. Em linhas gerais, perguntamos aos pesquisados sobre a sua percepção quanto à fala do conquistense de maneira mais abrangente, a percepção de gramaticalidade de algumas sentenças já previstas no teste, a autoavaliação no que tange ao seu uso da variante *ê* e, por fim, quais seriam suas considerações no tocante ao emprego do pronome *tu* no vernáculo de Vitória da Conquista.

Feitas as principais considerações a respeito da metodologia, passemos para a seção em que trataremos da análise e discussão dos dados.

⁵ É importante destacar que os termos Português Culto e Português Popular são concebidos a partir do anos de escolarização dos informantes, ou seja, informantes com até quatro anos de escolaridade encontram-se no grupo dos falantes do Português Popular, ao passo que os que possuem número igual ou superior a onze anos de escolaridade enquadram-se no conjunto de falantes do Português Culto. Os corporas utilizados na pesquisa foram organizados pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq.

4 Análise e discussão dos dados

Nesta seção, objetivamos apresentar as principais considerações acerca dos dados analisados na pesquisa. Todavia, é importante esclarecermos que priorizaremos a exposição dos pontos verificados como mais sobressalentes ao longo das análises. Diante dos dados angariados e analisados da amostra, pudemos notar que tanto o pronome *você* quanto a sua variante *ê* são formas linguísticas consideravelmente produtivas na fala da comunidade em estudo. Registramos um total de 788 (setecentos e oitenta e oito) dados, sendo 56% de ocorrências do pronome *você* e 44% de ocorrências da forma sincopada *ê*. Por esses valores percentuais, verificamos a considerável produtividade da variante *ê* em Vitória da Conquista – BA. Além disso, é válido ressaltarmos que os valores percentuais das duas variantes não se encontram muito afastados do ponto neutro, o que sinaliza para um franco aumento do uso da forma *ê* no vernáculo em foco.

Uma vez fundamentada a pesquisa nos pressupostos sociofuncionalistas, nas análises, destacamos que a relação entre língua e sociedade é muito importante. Desse modo, evidenciamos forças internas e externas no tocante ao sistema linguístico, as quais assumem um papel de relevância na decorrência estrutural e sócio-histórica da língua. Adiante, destacamos três excertos de fala extraídos da amostra investigada, nos quais podemos notar o uso das duas variantes pesquisadas:

- (01) É:: Sou daquela região de lá, VOCÊ entendeu? (J.S.R.)
- (02) Não, né difís não, é no começo é um pôco difís, mas CÊ pega é fás. (J.S.R.)
- (03) Então o São João num que eu [seja] assim extremamente contra é porque eu gosto bastante da comida do... desse... dessa época gosto das músicas porém não sei dançar então quando CÊ num sabe, VOCÊ não consegue fazê determinada coisa você toma uma apatiazinha então é só por isso que eu não gosto muito do São João {risos} (C.B.S.)

Nos turnos enunciativos realçados anteriormente, percebemos a coocorrência ou alternância do pronome *você* e da sua forma variante *ê*, no contexto linguístico delineando previamente, isto é, em posição pré-verbal na função de sujeito de orações finitas. O fenômeno linguístico observado, para os funcionalistas, será entendido como um processo de estratificação entre as duas camadas *você* e *ê*, ao passo que os sociolinguistas variacionistas o definirão como um estágio de variação linguística entre os dois pronomes.

Segundo os valores relacionados à distribuição de frequência do *você* e do *ê* na comunidade de Vitória da Conquista – BA, podemos observar a legitimação de uma regra variável no que diz respeito ao uso de formas com sentido de pronome de 2ª pessoa do singular. Diante disso, como o presente estudo compreende uma pesquisa sociofuncional, advogamos que, na amostra investigada, há um registro de um caso de estratificação/variação no qual duas camadas/variantes disputam um domínio funcional/uma variável.

Além de atestarmos o processo de estratificação/variação dos itens alternantes em estudo, observamos que, de acordo com o subprincípio da distribuição de frequência que se alinha ao princípio funcionalista de marcação (GIVÓN, 2001), na amostra estudada, a forma sincopada *ê* apresenta-se mais marcada, em decorrência da menor frequência de uso em relação ao pronome *você*. Isso confirmou uma das hipóteses norteadoras da pesquisa que foi a de que a variante *ê* seria a mais marcada tratando-se da frequência.

Segundo Tavares e Görski (2015), é possível controlar com maior refinamento os grupos de fatores linguísticos, isso ocorreu no presente estudo, por exemplo, com as variáveis independentes *natureza semântico-funcional* e *paralelismo formal*, em que nos valem da

complementariedade entre os pressupostos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo Norte-Americano, buscando afinar o olhar para os fenômenos linguísticos em questão.

Observamos, diante dos resultados provenientes da variável independente linguística *natureza semântico-funcional* (referência definida ou indefinida), que tanto o *você* quanto o *cé* têm apresentado determinada extensão de sentido, migrando da referência definida para um uso mais produtivo da referência indefinida. Diante disso, constatamos tanto os princípios de Heine (2003), o que viabiliza a ocorrência das duas variantes domínios funcionais distintos do prototípico e, por consequência, assegura a presença do princípio da divergência (cf. HOPPER, 1991). Em relação a essa variável, as hipóteses definidas não foram confirmadas, uma vez que pressupunhamos que o sentido indefinido favoreceria o emprego do pronome *você* e a sua forma variante, por sua vez, seria favorecida pelo fator referência definida e os dados da pesquisa mostraram-nos que as duas formas são favoráveis à indefinição.

Diante do favorecimento da forma variante *cé* pelo fator referência indefinida, percebemos a importância de se considerar uma discussão suscitada por Vitral (1996) em torno da hipótese de cliticização do *cé* no Português Brasileiro. Além dessa evidência, nos testes de avaliação realizados, uma etapa da pesquisa a ser retomada logo a seguir, notamos um elemento que fortaleceu a hipótese de Vitral (1996), que foi a rejeição pelos informantes do teste às sentenças em que pronome *cé* encontrava-se na posição de complemento verbal.

A hipótese de que atestaríamos o funcionamento do *paralelismo formal* no vernáculo conquistense foi efetivamente confirmada. Ademais, percebemos que, a despeito da evidente produtividade do paralelismo estrutural, foi possível encontrarmos respostas em princípios funcionalistas que explicassem o momento em que se dá a falácia do paralelismo formal. Além disso, ainda que de maneira parcial, confirmamos as nossas hipóteses para a variável *superestrutura textual*, afinal, assumíamos que seria encontrada uma frequência considerável do pronome *você* ocorrendo em contextos predominantemente argumentativos.

No que diz respeito às variáveis sociais, *faixa etária*, *sexo* e *escolaridade*, atestamos a relação entre marcas subjetivas da sociedade e o próprio curso da língua. De acordo com os dados analisados, constatamos que, na comunidade de Vitória da Conquista – BA, enquanto os jovens mais escolarizados demonstram favorecimento ao emprego do pronome *você*, os informantes mais escolarizados da faixa III favorecem promovem a forma inovadora *cé*, ocorrendo exatamente de modo contrário com os informantes menos escolarizados. As mulheres e homens com um grau maior de escolaridade semelhantemente favoreceram o uso da forma conservadora *você* e, de forma oposta, as mulheres e homens menos escolarizados lideraram o favorecimento da forma inovadora *cé*.

Se pautarmos-nos tão somente nos resultados interpretados pelas estatísticas da análise, considerando, para tanto, o que apregoa a teoria de base no processo de explicação desses números, encerrariamos o diagnóstico em um claro estigma sofrido pela forma inovadora no vernáculo conquistense. Todavia, não assumimos esse diagnóstico de maneira precoce, inquestionável ou passiva. Partimos, inclusive, da hipótese de que o pronome *cé* se encontraria em um franco crescimento de uso e que não sofreria estigma na comunidade de Vitória da Conquista – Ba.

Assim, diante desse enquadramento da pesquisa, constatamos a importância da realização de um teste de avaliação com vistas ao refinamento da análise. Desse modo, ainda que assumíssemos que, no objeto de estudo em questão, atuam forças de ordem estrutural, de maneira nenhuma poderíamos descartar as influências externas ao sistema linguístico, o que possivelmente explicaria o comportamento conservador nas faixas mais jovens.

No teste de avaliação, composto por cinco perguntas, os informantes foram interrogados sobre uma série de questões, mas, neste artigo, apresentaremos as respostas dadas a apenas um dos inquiridos, levando em consideração a extensão resumida do presente texto, assim como a relevância da referida questão para o esclarecimento sobre uma questão que foi suscitada aqui a respeito de um possível estigma sofrido pela forma sincopada *cé* no vernáculo conquistense.

Quadro 02 - As respostas do teste de avaliação para pergunta sobre a percepção/avaliação do uso do pronome *cê*

PERGUNTA: O que você acha do uso do pronome <i>CÊ</i>?	
INFORMANTE	RESPOSTAS
D.T.B.	“Dotado de sonoridade agradável.”
F.S.L.B.	“Eu não tenho uma opinião quanto ao uso do <i>cê</i> ser positivo ou negativo. Da maneira como eu vejo, é simplesmente inevitável. As línguas humanas mudam.”
I.U.S.S.	“Penso ser uma maneira de abreviarmos as sentenças, utilizando esse pronome para agilizarmos nossa fala. Hoje é algo tão comum de ser falado, que nem nos apercebemos de sua utilização, assim como a utilização do ‘vc’ nos meios tecnológicos.”
T.M.L.C.	“Acredito que torna a conversa mais informal, utilizado normalmente com pessoas mais próximas. Entretanto, isso não ocorre de maneira premeditada.”
Y.C.	“Econômico, não na escrita, mas na fala, a informação é passada de forma que o receptor consegue entender em um curto espaço de tempo.”
C.B.S.	“Gosto de utilizá-lo. É simples, prático e tem a mesma eficiência que o ‘você’.”
G.G.J.	“Não apropriado, mas no meu caso se tornou um vício de linguagem.”
M.T.R.	“Acho bastante interessante para ser usado na fala, principalmente em conversas informais.”
V.M.S.N.	“Creio que seja parte da evolução da língua portuguesa haja vista que o pronome <i>VOCE</i> teve origem como expressão de tratamento (vossa mercê), passando por <i>vosmecê</i> , que caiu em desuso, sendo substituído por <i>VOCE</i> , <i>OCÊ</i> e <i>CÊ</i> .”
A.L.P.	“Eu prefiro o <i>Você</i> , acho que fazemos uso do <i>Cê</i> mais como forma de abreviação, ou também pela constante convivência com pessoas que o utilizam muito.”
K.R.L.A.	“Penso que pode ser influência do jeito de falar mineiro, que costuma diminuir sílabas e fonemas na língua falada. Na oralidade não vejo problemas, já faz até parte do vocabulário popular, é um jeito carinhoso e produz a ideia de intimidade.”
L.S.S.	“Sem a preocupação de onde estamos e de quem está nos ouvindo o <i>CÊ</i> faz a conversa, mas intimista e menos polida, com orações mas breves.”
N.L.A.	“Acho meio antigo, lembro bastante de pessoas mais idosas.”
A.C.	“Considero uma violência fonética, mas reconheço que é mais usado por pessoas que não passaram pelo benefício de uma educação formal.”
P.A.R.C.	“Uma maneira menos formal (e ágil) de se dirigir a uma outra pessoa.”
E.G.S.	“A língua portuguesa é muita rica, muitas vezes alguns diminutivos podem criar códigos de entendimentos de um determinado grupo ou comunidade. É salutar.”
A.I.R.M	“ <i>CÊ</i> é uma segunda redução do pronome <i>VOCE</i> . (<i>VOCE</i> – <i>OCÊ</i> – <i>CÊ</i>) Entretanto vale ressaltar que o pronome <i>VOCE</i> já é a quarta redução de <i>VOSSA MERCÊ</i> (<i>VOSSA MERCÊ</i> – <i>VOSMICÊ</i> – <i>VANSUNCÊ</i> – <i>VOCÊ</i> – <i>OCÊ</i> – <i>CÊ</i>)”

Fonte: Elaborado pelo próprio autor

No Quadro 02, extraímos algumas considerações atrativas a respeito do pronome *cê*, além de confirmar a hipótese de que a forma inovadora não sofre estigma na comunidade de Vitória da Conquista – BA. Notamos que quatro informantes avaliaram de maneira positiva a variante *cê*, vejamos: (i) o informante D.T.B. aponta que o referido pronome é dotado de sonoridade agradável; (ii) a informante M.T.R., por sua vez, concebe-o como muito interessante para a oralidade e em contextos informais; (iii) a informante K.R.L.A., a despeito de, em outros momentos do teste, assumir que não emprega a variante inovadora, ratificou que é um a forma pronominal que promove uma ideia de carinho e intimidade; e (iv) o informante E.G.S. avalia o pronome *cê* como salutar.

A economia e a praticidade do pronome *cê* foram sinalizadas também por outros informantes, a exemplo de I.U.S.S., Y.C., C.B.S. e P.A.R.C. Houve, por parte deles, uma associação da forma inovadora *cê* à redução estrutural da forma *você*. Ainda sobre esse assunto, duas informantes, V.M.S.N. e A.I.R.M., consideraram a origem da referida forma pronominal, lembrando dos estágios primários da forma em questão, isto é, nos tempos em que funcionava na língua enquanto forma de tratamento *vossa mercê*.

A informante N.L.A., por seu turno, qualificou o pronome *ê* como uma forma antiga, remetendo-a, inclusive, a pessoas mais idosas. Curiosamente, essa ponderação nos fez lembrar da resposta da informante G.G.J., quando perguntada se lançava mão dos pronomes *você* e *ê*, e a informante assinalou que sofreu influência da avó.

Dois informantes, I.U.S.S. e T.M.L.C., apontaram também um elemento intrigante quanto ao emprego do pronome *ê*. Segundo os dois, o uso desse pronome não ocorre de maneira consciente. I.U.S.S., inclusive, advoga que “[...] Hoje é algo tão comum de ser falado, que nem nos apercebemos de sua utilização [...]”. Já T.M.L.C., por sua vez, assume que o uso do *ê* em seus contextos linguísticos “[...] não ocorre de maneira premeditada”.

Devemos também considerar a avaliação negativa do informante A.C., concebendo o pronome *ê* como uma “violência fonética”, além de assumir que o seu uso associa-se à falta de escolarização. À medida que as discussões transcorrem-se, progressivamente, damos-nos por convencidos de que a variante inovadora *ê* não se encontra nesse lugar de estigma na comunidade Vitória da Conquista – BA, fazendo-nos entender a avaliação desse informante como algo isolado no universo de respostas favoráveis à forma sincopada. É importante ressaltarmos, inclusive, que foram os informantes escolarizados da faixa III que promoveram o uso da variante *ê*, a faixa etária em que se encontra exatamente o referido informante.

Então, apesar dos números apontarem para dadas oposições de prestígio social das formas pronominais em estudo, não defendemos o diagnóstico de estigma para forma inovadora por entendermos que fatores de outra ordem corroboram para esse fenômeno sinalizado estatisticamente. Para fortalecer esse posicionamento, reunimos argumentos de ordem estrutural e social, como, por exemplo, o surgimento da referência indefinida na língua, a promoção do *ê* na fala de escolarizados da faixa III, assuntos relacionados à diazonalidade, o entrosamento entre a comunidade de Vitória da Conquista – BA e o Estado de Minas Gerais e, por fim, a aplicação de teste de avaliação.

No que diz respeito à hipótese de que nos depararíamos com um quadro de variação estável, observamos que, no *locus* de pesquisa, a realidade encontrada é consideravelmente instigante, posto que atestamos um estágio de variação estável como pressupúnhamos, mas um caso de mudança em curso, porém em direções contrárias. Assumimos esse posicionamento, uma vez que se estudarmos a variação/estratificação entre o pronome *você* e a variante *ê* do ponto de vista o nível de escolaridade, concluiremos que, entre os falantes do Português Popular de Vitória da Conquista, há uma mudança em curso fomentando a entrada do pronome *ê*. Por outro lado, se levarmos em consideração a alternância pronominal em estudo por meio da produção linguística dos falantes do Português Culto de Vitória da Conquista, a mudança em curso tomará rumo oposto, promovendo a manutenção da forma conservadora *você* no vernáculo em foco. Assim, a hipótese aventada é refutada.

Dessa forma, fechamos a presente seção e passemos para as derradeiras considerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas, declaramos a importância de se dar continuidade aos estudos com a temática desenvolvida nesta pesquisa. Certos da existência de muitas questões para se investigar no vernáculo conquistense no que tange ao comportamento das formas pronominais, destacamos algumas que foram possíveis de se identificar ao longo do estudo, a saber: (i) a hipótese de cliticização do pronome *ê*; (ii) a variação/estratificação presente nos pronomes possessivos *tu/tua* e *seu/sua*, cuja influência decorre do rearranjo pronominal, associado ao processo de pronominalização/gramaticalização das formas de tratamento; (iii) um estudo mais apurado sobre o pronome *tu*, afinal, perguntamo-nos o motivo de alguns conquistenses não empregarem o pronome *tu*, sendo evitado, inclusive, quando considerados casos de maior monitoramento, ou seja, uma prevalência do uso do pronome *(vo)ê?*; etc.

Mesmo diante de tantas possibilidades de investigação no seio da temática aqui discutida, observamos que o presente estudo, a despeito de todos os recortes realizados, contemplou seus objetivos geral e específicos, além de empreender uma investigação linguística consideravelmente relevante para os estudos linguísticos, uma vez que contribuirá, indubitavelmente, para a execução dos trabalhos com a mesma temática.

É importante ressaltarmos que, ainda que haja uma gama de trabalhos em que pesquisadores detiveram-se ao estudo da alternância pronominal entre variantes tais como: *você, ocê, cê* ou *tu*, o presente estudo pode ser reconhecido como pioneiro entre os estudos desenvolvidos na região do Sertão da Ressaca com essa temática, uma vez que é o primeiro trabalho de natureza sociofuncionalista.

Então, consideramos este trabalho como o disparo do gatilho para que outras pesquisas sejam conduzidas, com o intuito de alargar as fronteiras do cenário nacional de estudos linguísticos.

REFERÊNCIAS

BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. Trad. Aída Ferras *et al.* (trad.) São Paulo: Pontes/Educ, [1897]1992.

FARACO, C. A. O tratamento *você* em português; uma abordagem histórica. In: *Fragmenta*, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 13, p. 51-82, 1996.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Vol. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001.

HEINE, B. Grammaticalization. In: JOSEPH, Brian D.; JANDA, Richard D. *The handbook of historical linguistics*. Blackwell handbooks in linguistics. Oxford/Malden, MA: Blackwell Publishing, 2003.

HOPPER, P. J. On some principles of grammaticization. In: Elizabeth C. Traugott & Bernd Heine (eds.). *Approaches to Grammaticalization*. Vol.1: Focus on Theoretical and Methodological Issues. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. p. 17-35, 1991.

LOPES, C. R. dos S. *Vossa Mercê>Você e Vuestra Merced>Usted: o percurso evolutivo ibérico*. *Revista de Linguística da ALFAL*, v. 14, São Paulo, 2004, p. 173-190.

MATOS E SILVA, R. V. *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2006.

NASCENTES, A. *O tratamento de VOCÊ no Brasil*. Letras. Curitiba, 1956.

PERES, E. P. *O Uso de Você, Ocê e Cê em Belo Horizonte: Um Estudo em Tempo Aparente e em Tempo Real*. 2006. Tese de Doutorado – UFMG, Belo Horizonte, 2006.

ROCHA, W. J. C. *Você e Cê: um estudo sociofuncional em uma comunidade do Sertão da Ressaca*. 2017. Dissertação de Mestrado Acadêmico – UESB, Vitória da Conquista – BA, 2017.

ROCHA, W. J. C.; SANTOS, L. O. dos; SOUSA, V. V. O pronome *você* e sua variante *cê*: um estudo (socio)funcional. *Interdisciplinar- Revista de Estudos em Língua e Literatura*. São Cristóvão: UFS, v. 24, p. 143-158, 2016.

SOUSA, V. V. *Os (des)caminhos do você: uma análise sobre a variação e mudança na forma, na função e na referência do pronome você*. 2008. Tese de Doutorado - UFPB, João Pessoa, 2008.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 307f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. *Interdisciplinar*, v. 17, p. 27-48, 2013.

VITRAL, L. A forma CÊ e a noção de gramaticalização. *Revista de Estudos da Linguagem*, ano 5, n. 4, v. 1, UFMG, p. 116-124, 1996.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

Submetido em 08/10/2019

Aceito em 10/02/2020

Publicado em 12/05/2020